

MEMÓRIAS RESSONANTES

Valéria Maria Sampaio Mello (UFC/UECE)

GT 11 – História, Memória e Educação

O presente texto objetiva trabalhar temas como: memória e silêncios, a fim de analisar e entender melhor as entrevistas e depoimentos, resultados de um diálogo em que os sujeitos puderam expressar seus discursos, suas falas, construindo suas verdades. Discursos do consciente ou do inconsciente compuseram um trabalho de história oral como opção metodológica, compondo a segunda parte de nossa pesquisa¹, em que foi investigada a História da Educação Japonesa no Pós-Segunda Guerra, numa perspectiva comparada².

Além do espírito instrumentalizador que o simples conhecimento das experiências, dos erros, dos avanços e diagnósticos de outros países pode ter para a implementação e correção de políticas internas, o estudo comparativo, abordagem metodológica de nosso estudo, intercultural e multicultural é uma forma de antecipação do próprio futuro. As sociedades mais desenvolvidas há muito adotavam, como procedimento de rotina, a inclusão da perspectiva internacional no debate de seus problemas.

A bioquímica da memória³ é muito estudada e ainda muito pouco compreendida. A memória, além de ser uma construção do passado, trabalha com emoções e experiências, diferentemente da história. A memória passa pela dimensão afetiva e pelo desejo produzindo uma “teia” de significações.

“Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente (...). O passado revelado desse modo não é antecedente do presente, é a sua fonte” (BOSI, 1998, p.89).

Através da História Oral e Psicanálise, nos foi possível observar os mecanismos da mente e o modo como se constitui e opera a memória. Pudemos sair do tempo “agora” e mergulharmos junto com as pessoas que viveram o recorte histórico estudado.

Podem-se trazer reminiscências individuais e deparar-se com uma riqueza de detalhes que só desta maneira é possível encontrar, experimentando um pouco da beleza e do sofrimento humano. “O uso de reminiscências têm sido a contribuição de historiadores como Paul Thompson. Eles são historiadores sociais e utilizam os dados orais, para darem voz àqueles que não se expressam no registro documental” (BURKE, 1992, p.192). Nossa intenção em fazer diálogo com outros saberes, foi o de cobrir-nos com maior respaldo as entrevistas e a tentativa de entender melhor as idéias que compuseram a história da educação, respeitando os limites que nos cercam.

Segundo Halbwachs, são exatamente as repercussões, que invadem a memória, e não o acontecimento.

A opção e posição tomada diante de tal temática nos foi chegada pela própria pesquisa. Ela que nos deu o rumo das investidas. À proporção que íamos adentrando em

¹ Apresentamos nesse artigo apenas algumas entrevistas com japoneses radicados em São Paulo e Fortaleza que viveram o recorte histórico de nosso estudo. Ressaltamos que não estamos trabalhando com sujeitos definidos em relação à classe econômica, escolarização ou sexo, mas com aqueles que se encontravam no Japão durante a II guerra e pós 1945 e que, de algum modo, vivenciaram o trabalho de Reformas planejado pelos norte-americanos. As falas dos entrevistados aparecerão em itálico.

² Comparada aqui e em toda pesquisa, significa examinar, a fim de conhecer semelhanças, diferenças ou relações, através do olhar do pesquisador.

³ A etimologia da palavra expressa tanto o fato da recordação, lembranças, reminiscências, como o ato de narrar, referir, relatar. A memória é a memória e seu avesso. Ela não é apenas a lembrança, uma faculdade psíquica, ela é a um só tempo, a lembrança e seu relato.

temas, mergulhando num labirinto de veios intercomunicantes, sentíamos a necessidade de nos prover e de nos apropriarmos de maneira mais profunda de conteúdos pertinentes.

Os depoimentos têm o poder de enriquecer a pesquisa tendo em vista que vêm ao encontro dos marcos gerais registrados na história oficial. Mesmo que os entrevistados ou as testemunhas sejam veículos da civilização, são também resultados do seu tempo, ou seja, cada um encontra-se em um tempo diferente, tanto de conhecimento quanto no seu aspecto temporal de fato, e vão se modificando de maneira desigual uns dos outros. Ao mesmo tempo, sentimos que ao nos aproximarmos tanto da temática causadora do sofrimento, quanto do sujeito, fomos capazes de libertá-los um pouco dessa angústia. Segundo a concepção freudiana, *o inconsciente é uma cesta de lixo dos restos da alma*.

O Tempo da história é multidimensional e imaginário, permite vários eventos acontecerem ao mesmo tempo. O tempo permite regressos e antecipações. O seu significado e sua extensão dependem do sujeito que o alimenta quer no tempo real ou imaginário. “Para quem espera, o tempo parece parar, mas, para quem se ocupa, o tempo parece faltar” (FACURE, 2001, p.80). O tempo em sua dimensão e grandeza, faz-nos pensar que somos nós quem passamos pelo tempo.

A maior dificuldade quando se trabalha com memória é estabelecer uma relação generalizada dos depoimentos por conta do contraste, trabalho do intelecto versus experiência e sentimento interno, encontrando em alguns deles, verdadeiros vazios cheios de cicatrizes profundas que ainda não foram totalmente sanadas. Além de serem estruturas mentais distintas, estão também em momentos pessoais diferentes, daí impossível prever graus de repercussões.

Algumas pessoas, quando vivem um trauma, escondem tão profundamente as cenas vividas que se tornam verdadeiros reféns do silêncio, impedindo a vida no presente. Retornar e tentar viver o evento plangente do passado, será imprescindível para que desloque o cronômetro ao ponto zero e se tenha alívio do momento traumático vivido.

Na medida em que o indivíduo alarga o conhecimento sobre o funcionamento de sua mente experimenta seus embates e temores a partir de novos vértices, adquire uma melhor adaptação com o mundo real, alcançando refrigério de seus infortúnios.

Quando alguma coisa foge de nossa consciência, não significa que essa coisa deixou de existir, apenas a perdemos de vista, estão no estado subliminar, ou seja, não é suficientemente intenso para que o indivíduo tome consciência dele, mas que numa outra oportunidade terá o resultado esperado. Apesar de estar escondida momentaneamente, continua a fazer parte de nossas lembranças e a nos influenciar. Quando lembramos novamente, foi o inconsciente que ajudou no processo de lembrar, surgindo, às vezes, até espontaneamente.

Depois de tantos anos e tantas modificações internas, é um novo passado-a-conhecer. Segue-se um retorno dialético, ao presente, do primeiro passado-conhecido e do segundo passado-a-conhecer, para usar a expressão de Philippe Áries.

Encontramos uma colocação acerca do esquecimento, no livro “A Nova História”, dirigido por Le Goff: “o esquecimento, que não é uma passividade, uma perda, mas uma ação contra o passado” (LE GOFF, 1978, p.533). Na verdade não vamos ao passado, é o passado que vem até nós.

Não podemos trabalhar com memória, esquecimento, depoimentos, que envolvem sentimentos e emoções dos mais diversos, sem adentrarmos um pouco na psicanálise ou recorrendo mais uma vez à Philippe Áries, “história das mentalidades” ou a Jules Michelet com a arte da fazer falar.

Freud e Breuer dizem que o psiquismo funciona de forma a evitar a recordação de situações que tivessem sido de muito sofrimento. Nosso estudo perpassa, através do contato com o indivíduo, nesses conteúdos de situações de sofrimento, que são reprimidas para fora

do consciente. É o que conhecemos por fatos traumáticos. Daí, alguns entrevistados não se comportarem, ou reagirem de forma adequada a certas situações ou questões que foram colocados. Demonstrando em alguns momentos desequilíbrios ou uma desorganização psíquica, pois o tempo interior individual corre muito mais lento que o tempo exterior.

A guerra deixou seus vestígios no tempo através dos testemunhos a fim de se transformarem em história. E aqui não nos interessa detectar o que, da história, é mentira ou não, que pureza de verdade podemos ter e o que isso significa? Até que ponto a linguagem representa a realidade no pensamento? Interessa-nos, sim, a versão dos que, pela guerra, passaram. Como diz Fernando Pessoa, a incongruência do povo leva-o a acreditar que diz o que pensa.

A imaginação humana pode criar acontecimentos bem próximos da realidade a fim de compor uma verdade. Não obstante, ao fazermos a ligação evento sentimento, a veracidade jorra. Como ressalta o físico Albert Einstein “a imaginação é mais importante do que o conhecimento”.

As entrevistas, parte complementar de nossa pesquisa, se deram sob forte emoção, já que acontecimentos fortes e dolorosos, muitas vezes, imobilizam os entrevistados, pois muitos deles vivenciaram o período que tomamos para estudo e guardam bem escondidos na memória, tais fatos a fim de se protegerem do sofrimento que vem à tona. A memória ligada diretamente ao sofrimento.

A memória, a aprendizagem, o pensamento e a linguagem são processos intimamente interligados. Uma palavra faz surgir imagens, sentimentos, odores.

De acordo com Brasília Carlos Ferreira⁴

Em volta da memória há mistérios. Porque a memória transcende a vida e a morte. Ela revela o antes de nós, o antes de tudo. Mas, para fazer a viagem entre o antes e o agora, a memória necessita uma ponte constituída por narradores capazes de, transportando lembranças, ajudar a construir um futuro redimido⁵.

As entrevistas provocaram, de certa maneira, um autoconhecimento. Eles se viram experimentando emoções outrora não sentidas, tampouco perguntadas. Quando as emoções fazem o percurso inverso, de volta ao inconsciente, já retornam trabalhadas e modificadas, conseqüentemente, mais amenas.

Constatamos ao analisarmos as entrevistas, que os relatos e gravações cujos depoimentos foram os mais fortes são justamente os que me foram vetados a identificação⁶.

Sr. YAMADA carrega em sua memória um passado que ainda repercute e reflete-se fortemente no presente. Sua aparência sisuda, em alguns momentos desconfiada, distancia-se e quebra o ritmo da conversa. Quando se consegue penetrar no espaço dolorido, as lágrimas correm pelo rosto, agora sem nenhuma máscara, vivenciando o recorte que optamos para estudo. O ressentimento é imobilizador.

Ao indagá-lo sobre a educação da época, depois de refeitas as emoções, o Sr. YAMADA se reporta à metodologia rígida antes da guerra, em que os alunos, sob observação de fiscal, faziam as tarefas sem questionar. Gostava apenas das atividades que envolviam o grupo. Sr. YAMADA acostumou-se a viver em silêncio, uma tentativa, diz ele, de poupar os filhos dessas lembranças. Mas, pudemos concluir que o zelo é com ele mesmo.

Sr. SAITO, 70 anos, formado em Engenharia, veio para o Brasil em 1955. Quando lhe perguntei como foi a volta às aulas, imediatamente após a ocupação e que vinte e um colegas de classe haviam morrido na guerra, ele respondeu: *nosso pensamento único era reerguer o*

⁴ Professora do Curso de Mestrado em Ciências Sociais da UFRN.

⁵ FERREIRA, Brasília. Internet, geocities. Política e Trabalho. 12-set/96,p.37-Memória, Tempo e Narrativas.

⁶ Optamos por dar nomes fictícios aos entrevistados a fim de preservar suas identidades.

Japão, mesmo com fome e frio estudávamos trabalhamos para que o Japão fosse novamente uma forte nação e daqui pra frente com a Democracia. Não podíamos pensar no que aconteceu, só dali pra frente. E ele continua: *Essa geração, com essa educação sob influência americana, e com essa ânsia de ocidentalização jamais conseguiria tal feito. Nossa geração conseguiu e tem orgulho disso, porque tinha o espírito japonês, baseado em princípios confucionistas e xintoístas.* Perguntei-lhe qual era esse espírito japonês?

O Sr. SUZUKI conta que o terror passou a ser sua companhia constante. Nos seus 75 anos, quando fecha os olhos, *abrem-se as cortinas e aparecem imagens terríveis, chego a sentir o cheiro de pele queimada* diz ele. Em relação à escola, ele acrescenta: *Quando os Americanos ocuparam nosso país e tudo estava destruído, não tinha cabeça para estudo, meus colegas tinham morrido e fui obrigado a estudar em outra cidade. A guerra leva pessoas inocentes.*

O presente só pode ser compreendido de maneira mais abrangente, se olharmos para trás e, só será vivido se olharmos para frente. O Sr. TAKUYA parecia viver olhando para trás. Frio, distante, com a testa contraída, face envelhecida e com várias marcas que guardavam histórias profundas e com ar desconfiado. Mora em São Paulo e eu em Fortaleza. A primeira pergunta foi feita por ele e não por mim. *Por que você do Ceará, quer saber sobre guerra? Não gosto de falar e não tem jeito, você vai mudar o quê?* Como não quisesse que ninguém adentrasse nesse campo pois nada iria aliviar sua dor, podendo até aumentar. Expliquei minhas razões de interesse, e recorri à psicanálise a fim de ter respaldo e ancoragem teórica.

A psicanálise funciona como uma tomada de consciência a fim de que superemos os sofrimentos e inquietações e ajuda, também, a entender o funcionamento da mente humana.

A psicanálise trabalha como um método de tratamento para certos distúrbios, em que essas emoções e comportamentos dos indivíduos são, em muitas vezes, especificados por fatores inconscientes, sem acompanhar a lógica racional.

Resolvemos então mudar de assunto, expusemos as dificuldades de pesquisadora cearense em São Paulo, sujeita à colaboração dos indivíduos para desenvolver a pesquisa, falamos um pouco de budismo, de vazio, de felicidade, e isso talvez o tenha sensibilizado para continuarmos a conversa, retomada por ele mesmo.

Podemos notar, através da fala do Sr. TAKUYA, que ele registrou uma emoção diferente daqueles que já havíamos conversado. Uma mistura de ódio, revolta, ressentimento. Tudo muito bem guardado até hoje.

Sr. TAKUYA colocou que esses eventos vividos por ele, só dizia respeito a ele. *Algumas vezes ao relatar para os amigos do Brasil o que passei na guerra, o que vi, o que senti, o que sofri, fome, humilhação, frio, solidão, desamparo, desespero, dor física, dor no coração, tiveram pouco efeito nessas pessoas, que chegaram inclusive, a corrigir “exageros” (grifo nosso) em minhas descrições, achando talvez que estivesse aumentando, ou até mesmo, mentindo.* FACURE fala desse significado particular que cada objeto nos provoca. Daí alguns momentos, bons ou maus, que provocaram fortes emoções para nós, para outros tem pouco efeito. Portanto, *nas lembranças fica aquilo que pensou estar vendo e não propriamente aquilo que estava registrando no cérebro* (FACURE, 2001, p.86). Até porque o outro vendo a mesma imagem provoca uma impressão psíquica muito diferente. A mente também pode preencher as lacunas com detalhes que compõem a imaginação.

Minha presença, ao entrevistar o Sr. TAKUYA, além de quebrar a desconfiança e a indiferença estabelecida nos primeiros momentos, permitiu restabelecer vínculos internos trazendo emoções escondidas, fato esse não observado através de questionários aplicados à outros imigrantes. O sentimento dele, assim como, nossa relação, passou a tomar outro rumo satisfatório e favorável para a pesquisa.

No capítulo: A História como reconstrução da experiência passada, do livro “A Idéia de História” de Collingwood, fala da capacidade do pensamento de pensar tanto o passado

quanto o presente e fazer comparações. Mas em relação ao sentimento, o autor fala que só poderia pensar na cólera que sentiu uma vez, na medida em que agora, experimente uma tênue vibração do sentimento, no espírito. Sem questionar se isso é verdadeiro ou não, o autor continua “a verdadeira cólera que senti no passado e em que penso, já desapareceu e não reaparece, pois a corrente da experiência imediata, levo-a para sempre. Quando muito, reaparece alguma coisa que se assemelha” (COLLINGWOOD, 1989, p.355). O autor refere-se à memória, em que o espaço de tempo entre o pensamento de agora não é ocupado pela rememoração do objeto, mas simplesmente pelo poder do pensamento a fim de superar essa extensão do tempo.

Como os entrevistados têm estruturas mentais diferentes e estão em momentos diferentes da vida, alguns se encaixam perfeitamente no pensamento de Collingwood. Conseguem descrever friamente, sem envolvimento emocional, o que foi vivido na época do pós-Segunda Guerra.

Para a professora TAGUCHI, 40 anos, casada com um norte-americano, residente em Fortaleza, quando da realização da entrevista, realizada às vezes em inglês, às em português e até em japonês. As emoções, para ela, não vêm à tona, ou talvez não vieram dadas as circunstâncias e em razão, do local da entrevista. A professora, sem nenhuma dificuldade, consegue relatar a atmosfera escolar da época. A avaliação, dela, sobre a educação japonesa sob ocupação foi: *o ensino era bom e agora é ruim, fomos proibidos de muitas coisas, não podíamos juntar com colegas para estudar a língua, tinha que ser escondido o pensamento, mas idéia era de reedificar o Japão*. Não sei se essa avaliação é de agora, ou seja, com a cabeça do presente, depois de ter constatado, quando de sua volta ao Japão, e percebeu que há choque de gerações. Os jovens não se comunicam mais com os velhos. A nova geração está usando cada vez mais o *katakana* (utilizado para palavras estrangeiras). Ou talvez o registro que ficou na memória tenha sido essa aparente “frieza” de sentimentos devido à falta de consciência, na época, do significado das bombas em suas vidas e esse registro veio até o presente inalterado, sem reflexão.

As emoções não vêm à tona, ou talvez não vieram dada as circunstâncias e o local da entrevista. Conseguem, sem nenhuma dificuldade, relatar a atmosfera escolar da época. Alguns avaliam a educação japonesa sob ocupação:

No Japão, pós-guerra, surgiu uma geração nova que não tem como preocupação, aproximar gerações e cultivar a tradição. O passado tende a não mais existir e as mudanças acontecem em ritmo acelerado, como se estivessem querendo sempre antecipar o futuro. *Toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo* (HALBWACHS, 1992, p.86).

Trabalhar com oralidade é trabalhar com lembranças, memória e esquecimento. “A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro” (FENTRESS e WICKHAM, 1994, p.39). [...] “O nosso conhecimento, tanto do passado como do presente, é constituído sobre idéias e evocações na mente presente” (Id. Ibid. p.40).

Com o Sr. SATO, não tivemos dificuldade de espécie alguma. Ele vive o presente e diz que reiniciou as aulas normalmente. Declara ele: *Não é para estudar? Para reconstruir o Japão? Então não podemos pensar em mais nada, nada do que passou*. Recorrendo a Halbwachs, o autor descreve esse tipo de pessoa, as quais se interessam apenas por coisas e por pessoas que estão vivendo no momento. É o que ele chama de instinto vital, em que o indivíduo, para viver bem, é capaz de desviar o pensamento sempre para o hoje.

A interpretação que me foi possível fazer após entrevista com Sra. OKUDA deixa claro que mesmo já tendo decorrido meio século, algumas pessoas que àquela época foram personagens vivos da história, ainda se encontram de certo modo abaladas.

Foi possível perceber lapsos “voluntários” de memórias e lacunas que só são entendidas por expressões faciais e comportamentos que embora estranhos aos olhos de quem observa com a visão de hoje, são plenamente entendidos quando se tenta reviver os horrores presenciados.

Visível foi a insistência em ressaltar a impossibilidade de realização de atividades relativamente corriqueiras como: acender luzes para que não se fique visível aos bombardeios, beber água uma vez que pode estar contaminada, além da utilização exagerada de vestuários tentando esquivar-se da radiação. Além disso, frases aparentemente desconexas e ações sem sentido só são passíveis de entendimento quando se consegue uma interação com o inconsciente adormecido que é capaz de provocar no corpo físico reações que foram transportadas ao longo dos anos e que só encontram razão quando se ignora o presente e se vive de alguma maneira atrelado a um passado que ainda não se desvencilhou do presente. Só assim é possível entender que à temperatura de 32°C alguém mesmo utilizando-se de muitas roupas, ainda consiga sentir frio.

Depois de uma guerra não pode ser mais os mesmos. Sobretudo, não podemos considerar as linhas de fuga como algo negativo, talvez uma outra opção, uma maneira diferente de mostrar seus impulsos.

Aqui nos reportamos à Carl Jung, cujo objetivo era o de ajudar aos indivíduos a se conhecerem melhor, para que através desse conhecimento e de um ponderado e reflexivo autocomportamento pudessem desfrutar plenamente de suas vidas.

O inconsciente parece ser conduzido por tendências instintivas representadas por formas de pensamento correspondentes, ou seja, arquétipos. Os arquétipos são, para JUNG, os complexos da humanidade, produzidos por grandes traumas coletivos.

A importância atribuída ao passado pela psicanálise, foi questionada e negada por Marie Bonaparte quando de sua citação de Freud: “Os processos do sistema inconsciente são atemporais: isto é, não são ordenados temporalmente, nem são modificados pelo tempo que passa” (*Apud* LE GOFF, 1994, p.221).

A entrevista representa o próprio passado e, uma ruptura com tal, significaria ruptura com a própria vida.

Conservando suas histórias no presente, a impossibilita de viver um tempo definido, confundindo-se sempre. Ações que representam o passado e que deveriam ficar atrás, passam a ter vida no presente, alimentando-o constantemente. Foi e parece que sempre será.

O Sr. OKAMOTO, conhecia um rapaz de 28 anos que quando se deslocava para o trabalho, a bomba explodiu em Hiroshima. Tal rapaz disse não sentir nada, apenas que sua roupa teria sumido. Depois caindo na realidade, dizia ele que a roupa juntamente com sua pele toda havia desaparecido. O rapaz, diz Sr. OKAMOTO, foi internado sete vezes e passou um ano para se recuperar. Sua mãe, pacientemente, retirava com uma pinça os vermes que surgiam em sua pele e em partes do corpo que apodreciam.

A guerra deixou marcas físicas e psicológicas, profundas.

As queimaduras provocadas pelo calor da explosão deixaram vestígios impressionantes e as pessoas que sobreviveram ainda por muitos anos, tiveram que fazer exames para checar distúrbios hepáticos causados pela radiação,

Segundo dados fornecidos por Fernanda Masaroto e Cíntia Shimabukuro, sete mil pessoas daquela época morreram todos os anos, vítimas de leucemia e outras doenças atribuídas à radiação das bombas.

Percebe-se, através de fotos das pessoas que sobreviveram, um olhar vazio, estático, capaz de bloquear lágrimas, raiva ou qualquer outro sentimento.

Os filhos e netos dos sobreviventes carregam no sangue contaminado pela radiação, as lembranças da guerra.

Outro japonês que mora em São Paulo, Sr. OJIMA, respondeu quando lhe perguntei sobre a educação: *o pior foi ter que recomeçar a estudar em outra escola, com outras pessoas 'fora do tempo'*, solicitando explicações acerca desse 'fora do tempo', ele respondeu *estudar de uma maneira diferente, com livro diferente, absorver conhecimentos novos, com a cabeça cheia de coisas, tristezas e fora dali*. Ele não conseguia ver sentido em recomeçar e estudar como se nada tivesse acontecido. Ter que estudar, saber, crescer, sem família. “*O meu futuro*”, dizia ele “*estava terminado*”. Hoje, mais de cinquenta anos depois, outra cabeça, outros pensamentos, outra família, Sr. Paulista conseguiu estruturar essas respostas que acabamos de transcrever.

Analisando essas respostas, percebemos que se enquadram também ao pensamento de Collingwood *a diferença entre memória e história é que, na primeira, o passado é um simples espetáculo* - grifo nosso -, e na história o passado é reconstruído sob a forma de pensamento presente.

Para a geração que entrevistamos, de mais de sessenta e cinco anos, dizem eles, que foi difícil adaptarem-se aos novos métodos de ensino. Primeiro, pelas terríveis conseqüências da guerra, segundo, porque tinham estudado sob forte disciplina, com conteúdos nacionalistas. Não podiam apenas “*virar a página*”, palavras de um deles, “*tínhamos que esquecer tudo?*”, continua. “*Tudo era proibido*”, encerra.

“Os depoimentos nos oferecem a percepção de um tempo múltiplo, que parece operar em superposição, diferenciando-se da história” (THOMPSON, 1998, p.258).

As entrevistas foram mais que depoimentos, fizemos parte viva da tentativa, não de arrumar a “*casa psíquica*”, mas pelo menos mexer provocando outras histórias e emoções.

A autora Karen Horney, em seu livro, *Neurose e Desenvolvimento Humano*, trata em relação ao critério para que possamos decidir melhor sobre o que cultivar ou o que rejeitar. A autora defende a idéia de que não precisamos de métodos tiranos para anular, com êxito, os fatores indesejáveis. Dispomos de um método melhor que é: superação, mas para isso temos que ter consciência e uma melhor compreensão ao nosso próprio respeito. Mais uma vez voltamos a nós mesmos, lugar onde se encontram todas as respostas. E continua ela: “*levar a sério o nosso desenvolvimento depende, apenas, de quisermos proceder assim (...) à medida que nos tornamos livre para nos desenvolver, também nos tornamos livres para amar ao próximo e para nos preocuparmos com os outros*” (HORNEY, 1966, p.15).

A busca por Freud se deu a fim de ajudar-nos a entrar nos campos escuros de difíceis acessos onde a memória se escondia. “*Existe vida psíquica que não pode ser explicada pelos conteúdos da consciência. Freud a denominou de inconsciente*” (GOLDBRUNNER, 1961, p.12) Não podíamos atuar apenas como espectadores distantes. Contudo, não podemos saber se, os indivíduos ao mergulharem nos seus “*quartos escuros*” encontrariam seus velhos “*eus*”, que agora já não lhe cabe. Talvez a busca em si mesma não tenha mais sentido. Segundo a psicóloga Stern *as lembranças são refeitas pelos valores do presente*.

Na medida que o pesquisador invade determinadas lembranças⁷, através de exploração de épocas, atinge-se esse momento do passado que quer ser entendido. É como se fosse um encontro inesperado, portanto, inquietante, na medida que um acontecimento lembrado é sem limites e abre caminhos, antes, nunca pensados. A memória, quando revisitada, tem como propósito de aconteça um relâmpago, ou seja, o entendimento instantâneo do acontecimento.

Nossa pesquisa continuará sua trajetória de história e memória, dentro da cultura nipônica, tentando compreender as redes de significação que fizeram a História da Educação japonesa no Pós-Segunda Guerra.

⁷ A lembrança instituiu a corrente da tradição que transmite o acontecido de geração a geração (BENJAMIN, 1983, p.67).

O uso da Oralidade permitiu-nos enveredar e nos conduziu pela trajetória de cada entrevistado e, de acordo com Ian Mikka, permite buscar outros caminhos de investigação, pois “a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais (...) Estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico)” (MIKKA, 1998, p.132. *Apud* AMADO, 1998, p.XIV).

A oralidade também nos permitiu participar, mesmo que por alguns momentos, da vida e sentimentos dos entrevistados, atingindo uma área íntima e complexa. História inédita, do ponto de vista narrativo, até o momento da rememoração. Tivemos uma apropriação tanto da visão quanto da versão dos indivíduos entrevistados.

Nossa pesquisa seguiu a trajetória de história e memória, dentro da cultura nipônica, tentando compreender as redes de significação que fizeram a História da Educação japonesa no pós-Segunda Guerra.

Ao examinarmos esse trajeto sob ocupação automaticamente o Brasil vem à confronto, apesar de não ser de maneira descritiva, fizemos um estudo comparando de maneira mais apropriada, pois a metodologia utilizada obriga-nos uma visão dinâmica das culturas das nações em estudo.

As entrevistas ou mesmo as conversas informais que tivemos com alguns japoneses, acerca do pós-1945, oferecem oportunidades de contato com leituras diversas, uma vez que só através da fala torna-se possível perceber as peculiaridades dos acontecimentos, na medida que os fatos se apresentam de maneira diferente daquela registrada na História oficial que pesquisamos.

O texto privilegiou as fontes orais como caminho a fim de construirmos esse outro lado da história. A História se enleando com a Oralidade torna possível a “recuperação” do passado.

“O mundo é belo antes de ser verdadeiro. É admirado antes de ser verificado” (BACHELARD, *In*: JAPIASSU, 76).

A repercussão da Segunda Guerra, teve ressonância e repercussão coletiva e, para muitos, ainda constará em um passado cujo tempo jamais será vazio.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1998. 403p.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, 6^a.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 484p.
- BURKE, Peter (Org.) – *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP. 1992. 354p.
- COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de história*. 7^a. Ed. Lisboa, 1989. 401p.
- FACURE, Núbor Orlando. *O Cérebro e a mente – uma conexão espiritual*. São Paulo: FE Editora, 2001, 174p.
- FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Trad.: Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1994.
- FERREIRA, Brasília. Internet, geocities. *Política e Trabalho*. 12-set/96,p.37-Memória, Tempo e Narrativas.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar da Civilização*. Rio de Janeiro: IMAGO Ed. 1997, 116p.

- _____. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- HORNEY, Karen. *Neurose e Desenvolvimento Humano*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1996, 425 p.
- JAPIASSU, Hilton Ferreira. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992. 202p.
- _____. *Nova História*. Portugal: Almedina. 1978. 591p.
- THOMPSON, Paul – *A Voz do Passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998. 385p.